

FOLHA DE S.PAULO

Mônica Bergamo

monica.bergamo@grupofolha.com.br

As histórias da Maitê

Sentados à beira da piscina do Copacabana Palace, a atriz e autora Maitê Proença, 55, e o escritor angolano José Eduardo Agualusa, 52, trocam olhares e sorrisos com a cumplicidade de quem tem muitas histórias compartilhadas --não apenas entre si, mas com seus leitores.

"A verdade é que eu poderia escrever vários romances só com as histórias que a Maitê me conta", diz o escritor. "A gente não pode contar nada para o Agualusa, ele coloca tudo nos livros dele", brinca ela. "É o perigo dos escritores", afirma o angolano, que reencontrou a amiga há alguns dias na passagem pelo Rio para lançar "Catálogo de Luzes - Os Meus Melhores Contos" (Gryphus Editora), que tem prefácio da atriz.

Agualusa, por sua vez, já havia feito o mesmo na segunda obra escrita por Maitê, "Uma Vida Inventada" (2008), uma autobiografia com toques de ficção. "Ele fez um lindo prefácio para o meu livro e aí começou uma linda amizade. Agora, nós invertemos", explica ela.

"A gente se conheceu na Flip [Festa Literária Internacional de Paraty], já não sei em qual", diz Agualusa. "Foi muito divertido." "Foi?", pergunta Maitê. Eles se olham, rindo. E pede: "Conta, não me lembro". Agualusa se encabula. "Não vou contar." Ri mais. O repórter Marco Aurélio Canônico apela para que o escritor conte. E Maitê: "Melhor não, se ele está dizendo que não vai contar".

A parte literária da amizade teve novo capítulo quando Maitê dava forma a seu livro mais recente, "É Duro Ser Cabra na Etiópia" (ed. Agir), no qual compilou histórias suas e de amigos como Agualusa, além de outras enviadas por anônimos, via internet.

Apesar de a obra "depende da internet", Maitê faz ressalvas à rede mundial. "É o paraíso dos covardes. Atrás daquele capuz você fala o que quiser, calúnia, injúria, todo mundo fica valente." Ele faz coro: "Sempre que estou excessivamente confiante na humanidade, leio os comentários dos jornais".

O papo chega à proibição do uso de máscaras nos protestos no Rio. "Tem de tirar. Se você veste um capuz e começa a depredar patrimônio público, desautoriza o que o movimento tinha de legítimo, vira algo reacionário, babaca", diz Maitê.

"E aqui é uma democracia, você não tem que esconder a cara", diz o angolano. "Mesmo numa ditadura, você tem de ter essa coragem de se expor. É só mostrando o rosto, assinando, que você está vinculado à sua opinião."
